

Escrita de si nos diários de Etty Hillesum: estudo sobre a narrativa testemunhal, existencial e de conversão em *Uma Vida Interrompida*^[1]

RESUMO

Este artigo propõe estudo acerca das narrativas memorialístico-testemunhais (PIERRON, 2010), presentes no livro *Uma vida interrompida* (2020), compilação de relatos autobiográficos extraídos dos diários de Etty Hillesum, uma holandesa judia que foi deportada e morta em Auschwitz em 1943, aos 29 anos. O objetivo da análise desses relatos é buscar perceber neles os elementos que envolvem aspectos conceituais apresentados por Philippe Pierron (2010), em sua proposta de uma filosofia do testemunho. Além disso, em nosso percurso metodológico, ao buscarmos estabelecer categorias para esquadrihar os diários em termos dos conteúdos, pudemos perceber a prevalência de dois outros tipos narrativos, além das narrativas memorialístico-testemunhais: as narrativas de cunho profundamente existencial e as confessionais, ou de conversão que dizem respeito à relação de Etty com a fé.

Palavras-chave: Narrativas memorialístico-testemunhais. Diários. Etty Hillesum.

ABSTRACT

*This article proposes a study on the memorial-testimonial narratives (PIERRON, 2010) present in the book *An Interrupted Life* (2020), a compilation of autobiographical accounts extracted from the diaries of Etty Hillesum, a Dutch Jewish woman who was deported and killed in Auschwitz in 1943 at the age of 29. The analysis of these accounts aims to identify the elements that involve conceptual aspects presented by Philippe Pierron (2010) in his proposal for a philosophy of testimony. Furthermore, in our methodological approach, as we sought to establish categories to scrutinize the diaries in terms of their contents, we were able to perceive the prevalence of two other types of narratives in addition to the memorial-testimonial narratives: deeply existential narratives and confessional or conversion narratives that relate to Etty's relationship with faith.*

Keywords: *Memorial-testimonial narratives. Diaries. Etty Hillesum*

MOZAHIR SALOMÃO BRUCK

Professor e pesquisador do PPGCOM da PUC Minas

CAROLINA MARQUES

Doutoranda em Linguística do PPG em Letras da PUC Minas

JEANE MOREIRA

Mestre em Comunicação pelo PPGCOM da PUC Minas

INTRODUÇÃO

Neste artigo, dedicamo-nos à leitura de *Uma vida interrompida* (2020), uma compilação de relatos autobiográficos extraídos dos diários de Etty Hillesum. A proposta aqui é examinar a obra à luz das reflexões de Jean-Philippe Pierron (2010) sobre narrativas de conteúdo memorialístico-testemunhal. Nos escritos que originaram o livro, Hillesum, judia, holandesa, que morava em Amsterdã e foi deportada e morta em Auschwitz em 1943, aos 29 anos, registrava a perseguição aos judeus holandeses, durante a ocupação nazista, evidenciando a rapidez e a violência com que essa opressão se intensificou.

Nosso objetivo foi investigar tais relatos testemunhais, buscando perceber neles elementos-chave da proposição de Pierron, para quem o testemunho “não é somente uma informação, é um colocar em presença, uma presença no presente” (p. 254). No entanto, é nesse processo que se encontra uma das suas fragilidades, o fato de ele ser relacional e precisar do acolhimento e apreensão do *outro*, uma vez que não existe testemunha para si, nem isolada.

Além disso, para abordarmos o testemunho na obra de Hillesum em sua dimensão subjetiva e performática, foi necessário compreendê-lo como um gesto que sugere uma posição de um sujeito que não apenas narra, mas atua por meio da fala como um sujeito que age, valendo-se de seus recursos de força expressiva e figurativa da linguagem com o objetivo de dar mais veracidade à sua palavra.

ETTY HILLESUM, UMA VIDA INTERROMPIDA

“Gostaria de ser um bálsamo para tantas dores” (HILLESUM, 2019, p. 263). Assim se encerra o diário de Etty Hillesum, registrado no dia 13 de outubro de 1942, no livro *Uma Vida Interrompida*. Os primeiros escritos, em modo de diário, datam de 9 de março de 1941. Esther Hillesum, cujo apelido era Etty, foi assassinada em Auschwitz, aos 29 anos de idade. Ao longo de seus diários, destaca-se a narração de uma vida mística, marcada por uma busca constante da experiência de fé, que, segundo a autora, lhe dava forças para lidar com a dura realidade da opressão nazista e perseguição aos judeus.

A publicação dos diários de Etty Hillesum ocorreu pela primeira vez em 1981, na Holanda, pelo editor holandês J. G. Gaarlandt. *Uma vida interrompida – Diário de Etty Hillesum, 1941-43* não contempla a versão integral dos nove diários que foram entregues a Gaarlandt em 1979,

por Klaas Smelik. Este, por sua vez, recebeu os diários das mãos de sua irmã, Johanna Smelik, a quem os diários haviam sido repassados por uma amiga comum que Johanna tinha com Etty, Maria Tuinzig, que morara com Etty em Amsterdã.^[2] Por essa razão, a organização dos textos dos diários foi feita pelo próprio editor, dado o grande volume de material, que recebeu das mãos de Klaas. Gaarlandt entendia que era necessária uma versão mais enxuta, pois a versão integral de diários de uma pessoa até então desconhecida não interessaria o grande público.

Do que se extrai de seus diários compilados, Etty buscava uma vida relacional profunda, na qual o autoconhecimento e a fé não se voltavam apenas para si, mas também para o *outro*. Ela acreditava que seu percurso interior de autoconhecimento e descobertas espirituais poderiam proporcionar o bem, principalmente, a outras mulheres. Por essa razão, dedicava-se a uma incessante busca por palavras que conferissem sentido à vida em um cenário tão tenso e contraditório, para, então, oferecê-las a outras pessoas.

Nascida em 15 de janeiro de 1914 em Middelburg, no sul da Holanda, Hillesum era a filha mais velha de um casal de judeus. Em 1924, a família se mudou para Deventer, também na Holanda, onde o pai se tornou reitor do Ginásio Municipal. Sua juventude foi marcada por tensões familiares. O casamento de seus pais era turbulento e ela não se relacionava muito bem com a mãe. Na infância, Etty praticamente não foi educada na fé judaica. Apenas anos mais tarde ela identificou o quão forte era sua ligação como os judeus e com Deus. Em seus diários, Etty conta o processo que a levou ao encontro com Deus a partir do mergulho ao fundo em si mesma.

Em 1932, Etty mudou-se para Amsterdã para estudar Direito e, posteriormente, Línguas Eslavas. À medida que o nazismo foi avançando, os relatos de Etty sobre o agravamento da perseguição aos judeus tornam-se mais evidentes em sua escrita. Em seus registros, ela reflete, com crescente preocupação, o agravamento da repressão dos judeus na Holanda. As primeiras proibições, como o impedimento de circular em certos locais, evoluíram rapidamente para o toque de recolher obrigatório antes das oito horas da noite e, em seguida, a imposição de entregar das suas bicicletas. Frente a esse cenário cada vez pior, Etty tenta se manter firme, buscando refúgio em sua fé interior para aguentar tantas crueldades que acontecem no mundo a sua volta:

12 de março de 1942

Se a gente tem vida interior, provavelmente nem há tanta diferença entre viver dentro ou fora dos muros de um campo de concentração. Será que conseguirei justificar essas palavras a mim mesma mais tarde? Poderei vivê-las? Não podemos criar muitas ilusões. A vida se tornará muito dura. Seremos novamente separados de todos aqueles que nos são queridos. Acredito que esse momento já nem esteja tão longe. É preciso cada vez mais nos preparar interiormente. (Hillesum, 2020, p. 164-165)

Com essa vivência, pareceu florescer e intensificar-se em Etty uma consciência religiosa. Em diversos trechos de seus diários, ela se dirige a *Deus* de maneira bastante direta e relacional,

sempre pelos *outros*, pensando em como poderia ajudar aquelas pessoas que estavam prestes a compartilhar com ela o destino trágico imposto pelas autoridades alemãs. “Quando rezo, nunca rezo por mim mesma, sempre por outros, ou tenho um diálogo insano ou pueril ou extremamente sério com o que há de mais profundo em mim, que para maior comodidade chamo de Deus.” (HILLESUM, 2019, p.271).

Com o aumento da perseguição aos judeus e a pedido de seu irmão Jaap, Etty se candidata em julho de 1942, a uma vaga de emprego como datilógrafa no Conselho Judaico. Após duas semanas no trabalho que ela define como um “inferno”, ela decide deixar o cargo e, voluntariamente, junta-se a membros do Conselho no campo de Westerbork. Ali permanece, inicialmente como voluntária no apoio aos judeus, e depois, juntamente com seus familiares, já como prisioneira, é deportada para Auschwitz, na Polônia, onde foi assassinada, como tantas outras centenas de milhares de pessoas.^[3]

SOBRE TESTEMUNHAS E TESTEMUNHOS

Para a historiografia e os estudos memorialísticos, as figuras da testemunha e do testemunho ocupam papel central, tanto pelos registros que oferecem quanto pela capacidade de sustentar verdades possíveis. O termo “testemunho” possui origens etimológicas no grego *martyrs* e no latim *testis*. Em sua etimologia latina, a palavra testemunho e suas linhagens (testamento, atestar etc.) vêm da palavra *testimonium* que, por sua vez, descendem de *testis*, *terstis* (que diria respeito a terceiro). Por assim dizer, a testemunha é concebida como uma terceira pessoa, situada entre dois outros dois atores, em condição de neutralidade de quem, não estando diretamente envolvido no conflito, pode falar o que viu ou que soube. Já na tradição grega, o termo testemunho está associado a *martyrs*.

Para Pierron (2010), a trajetória do testemunho está intrinsecamente ligada à do martírio.. A Igreja Católica vincula a noção de testemunha herdada do grego a de martírio, *martyrs*, para designar aqueles que morrem em razão de sua fé, os mártires. Nesse sentido, a morte se torna o próprio testemunho: uma expressão extrema da fidelidade a uma causa, onde a existência é selada como prova do que se crê.

É possível afirmar, portanto, que se o termo testemunho possui, em sua raiz latina, a prevalência de um sentido jurídico, já na acepção terminológica de origem grega, a etimologia de testemunho acentua a dimensão ética (*ethos*, cuidado).

Pensar o testemunho como um cuidado (preocupação em falar a verdade, em relatar fielmente, em fazer ouvir e mostrar) força a reconhecer o trabalho da subjetividade sobre si mesma. (...) O cuidado indica como a testemunha é habitada e trabalhada por uma fala ou experiência da qual é portadora e em face das quais se constitui, narra a si mesma e se interpreta. Experiência de uma subjetividade, o testemunho manifesta uma interioridade que mede sua tarefa expressiva e figurativa com base na desmedida que comporta a evidência que ele atesta” (PIERRON, 2010, p. 29).

A dimensão subjetiva do testemunho, esse movimento de retorno a si, revela a manifestação interioridade ao mesmo tempo que dá forma ao mundo exterior, o que se mostra, para este artigo, uma chave interpretativa importante para a leitura de *Uma vida interrompida*. A escrita de Etty Hillesum, essencialmente testemunhal e memorialística, é atravessada por uma expressiva tonalidade confessional, marcada por um percurso de conversão. Como se mostrará à diante, a autora não escreve apenas como observadora, mas, como alguém que sente e se deixa afetar profundamente pela realidade que a cerca. Sua narrativa sobre o mundo é, antes de tudo, uma narrativa de si, mas que ultrapassa os limites do eu. Conforme propõe Pierron (2010), a testemunha carrega e expressa uma verdade que excede sua própria individualidade. O testemunho, nascido da experiência, não se reduz à opinião. Ele articula, por meio da palavra e da existência, o entrelaçamento do destino pessoal com a verdade da vida que se anuncia.

Seligmann-Silva (2003) percebe o testemunho a partir do conceito de *testis*, que significa “o depoimento de terceiro em um processo” e *superstes*, que “indica a pessoa que atravessou uma provação, o sobrevivente” (SELIGMANN-SILVA, 2003, p. 377). A partir desse conceito, Agamben (2008) indica que Primo Levi, cuja obra é citada com mais aprofundamento abaixo, pode ser considerado um exemplo do conceito de *superstes*, pois apesar de apenas testemunhar e relatar sua vivência, ele também participou do evento enquanto vítima e posteriormente como sobrevivente. Dessa forma, é possível compreender o relato de Etty Hillesum em *Uma vida interrompida* (2020), como um testemunho *superstes*, pois representa uma “acepção de testemunho como sobrevivente” (SELIGMANN-SILVA, 2003, p. 378).

Primo Levi, escritor e químico italiano, é uma das vozes mais emblemáticas do testemunho sobre o Holocausto. Em *É isso um homem?*, obra publicada em 1947 e considerada referência nas literaturas testemunhais, Levi narra sua experiência como prisioneiro do campo de concentração de Auschwitz. Na introdução, o autor explica que o gesto de testemunhar, para quem sobreviveu o horror, frequentemente impõe uma urgência visceral, um ato quase involuntário, impulsionado tanto pelo imperativo de comunicar o que foi vivido quanto por um desejo de libertação e elaboração da dor.

a necessidade de contar “aos outros”, de tornar “os outros” participantes, alcançou entre nós, antes e depois da libertação, caráter de impulso imediato e violento, até o ponto de competir com outras necessidades elementares. O livro

foi escrito para satisfazer essa' necessidade em primeiro lugar, portanto, com a finalidade de liberação interior. Daí, seu caráter fragmentário: seus capítulos foram escritos não em sucessão lógica, mas por ordem de urgência. O trabalho de ligação e fusão foi planejado posteriormente. (LEVI, Primo; 1998, p.8)

O testemunho é efetivado na sua capacidade selar, com marcas de fidelidade e de confiança, o vínculo entre o vivido e aquele que o testemunha. A verdade do testemunho torna-se inseparável da trajetória de quem o anuncia, mas seu pleno sentido apenas se realiza com a escuta de um outro. Trata-se, portanto, de um ato intrinsecamente relacional: não há testemunho sem diálogo. Não há testemunha para si, nem testemunha solitária. Todo testemunho se constrói na presença dos outros e para os outros. É, inevitavelmente, intersubjetiva.

Enquanto gesto de linguagem e de significação, o testemunho é, simultaneamente, uma relação e um acontecimento. Como nos lembra Pierron, a testemunha não se limita a recordar ou descrever o passado: ela mesma o reinscreve no presente ao dizer "Eu estava lá". Portanto, o ato de testemunhar é performativo. Para Pierron (2010), a verdade que se dá no testemunho não reside prioritariamente na objetividade das provas, mas na subjetividade da experiência e da emoção. O testemunho não pretende ser uma demonstração irrefutável, mas sim a expressão de uma verdade vivida, sentida e compartilhada.

Em *Uma vida interrompida*, escrito na forma de diários, temos uma situação distinta das narrativas mais presentes na literatura do Shoah, marcada por testemunhas que sobreviveram ao holocausto. Tratam-se de escritores que sofreram a catástrofe e, ao sobreviverem, se viram diante da necessidade de dar testemunho de uma experiência radical e inominável. No caso de Etty, que foi morta em Auschwitz, seus diários revelam como o nazismo foi se instalando nos países invadidos. Seu testemunho não é póstumo por elaboração, mas por interrupção, registrando em tempo real a escala da violência nazista, que se impôs como rotina, não como ruptura. Como denominou Roney Citrynowicz (2003), o que se deu foi um processo de normalização, uma "burocratização limite da morte".

■ A NECESSIDADE DE TESTEMUNHAR O PASSADO QUE NÃO PASSA

Feridas profundas do século XX, as duas guerras mundiais deixaram marcas traumáticas na história da humanidade, ceifando vidas, destruindo povos e instaurando traumas coletivos de proporções incalculáveis. No caso da Segunda Guerra Mundial, o Holocausto representou uma ação sistemática de perseguição e extermínio do povo judeu em toda a Europa durante os anos

de 1939 a 1945. A ideologia de Adolf Hitler, na Alemanha nazista, transformou o genocídio em instrumento político. O significado da palavra genocídio se adequa de modo absoluto, pois esse se tornou um dos principais objetivos da ofensiva nazista.

Diante esse cenário, o gênero testemunho consolidou-se como um campo fundamental para a preservação da memória e a compreensão do horror. A chamada “literatura do testemunho” (SALGUEIRO, 2012), reúne produções que narram experiências individuais de sobreviventes, oferecendo relatos que iluminam dimensões subjetivas do trauma, como é o caso dos depoimentos de judeus sobreviventes ao holocausto. Essas obras são importantes para a compreensão da dimensão dos fatos narrados e da barbárie vivenciada pelas vítimas.

Um dos exemplos mais contundentes é a obra, *É isso um homem?*, de Primo Levi, publicada em 1947, mas reconhecida apenas mais tarde, em sua republicação em 1958, tornando-se obra referencial. No livro, Levi narra sua experiência no campo de concentração de Auschwitz, em 1944, e sua posterior libertação em 1945, ao retornar à Itália. Levi retrata as condições de vida precárias às quais foram submetidos homens, mulheres e crianças judeus no campo de concentração e por isso se pergunta se tanto os alemães, que cometeram tais atrocidades, quanto os judeus, ainda poderiam ser considerados homens ou se ainda restaria a eles alguma humanidade quando o Holocausto acabasse.

[...] Sim, somos escravos, despojados de qualquer direito, expostos a qualquer injúria, destinados a uma morte quase certa, mas ainda nos resta uma opção. Devemos nos esforçar por defendê-la a todo custo, justamente porque é a última: a opção de recusar nosso consentimento. Portanto, devemos nos lavar, sim; ainda que sem sabão, com essa água suja e usando o casaco como toalha. Devemos engraxar os sapatos, não porque assim reza o regulamento, e sim por dignidade e alinhamento. Devemos marchar eretos, sem arrastar os pés, não em homenagem à disciplina prussiana, e sim para continuarmos vivos, para não começarmos a morrer”. (LEVI, 1988, p. 38).

O testemunho de Primo Levi oferece ao leitor uma experiência singular de acontecimento coletivo e devastador: o Holocausto. Para Agamben (2008), o autor se posiciona como um “autor-testemunha”, relatando o que viu e viveu, sem pretensão de julgar ou opinar. Agamben (2008) também enfatiza a tensão entre a necessidade e a impossibilidade do testemunho, uma vez que os que verdadeiramente pereceram ou que foram emocionalmente devastados não puderam narrá-la. Assim, só foram capazes de testemunhar aqueles que conseguiram manter certa distância das atrocidades evento.

Seligmann-Silva (2008), por sua vez, ressalta o caráter temporal do testemunho de se apresentar sempre no presente, pois na “situação testemunhal o tempo passado é tempo presente”, (SELIGMANN-SILVA, 2008. p. 69). Trata-se de uma “memória de um passado que não passa” (SELIGMANN-SILVA, 2008, p. 70)^[4]. Para Levi, os fatos relatados não estão claros, o que

é característico da percepção memorialística advinda de situações traumáticas. Seligmann-Silva (1998) salienta que, no testemunho há uma relação entre o fato histórico e a ficção.

Não podemos pensar em literatura de testemunho sem ter em mente essa concepção anti-essencialista do texto. Nesse gênero, a obra é vista tradicionalmente como a representação de uma “cena”. Mas qual é a modalidade dessa representação? Certamente não podemos mais aceitar o seu modelo positivista. O testemunho escrito ou falado, sobretudo quando se trata do testemunho de uma cena violenta, de um acidente ou de uma guerra, nunca deve ser compreendido como uma descrição “realista” do ocorrido.” (SELIGMANN-SILVA, 1998, p. 10)

Por serem atravessados pelo trauma, os testemunhos de guerra não podem ser considerados reproduções fiéis dos acontecimentos (SELIGMANN-SILVA, 1998). No caso de Etty Hillesum, cujo relato será analisado a diante, o testemunho se constrói a partir da vivência durante a Segunda Guerra Mundial, tendo a sua própria experiência como fundamentação para a construção de seus diários^[5]. De acordo com Silva (2003), o testemunho para a literatura é um ato político, assim como o uso da memória, pois ambos possibilitam compreender como uma situação significa compreender como uma situação extrema se inscreve na tessitura social por meio do relato singular de um trauma. Nesse sentido, o testemunho literário se torna, muitas vezes, uma expressão estética do pós-guerra, na qual o sujeito se confronta com a lógica social que o constitui e, ao mesmo tempo, o desafia (SILVA, 2003, p.26).

Em *É isso um homem?* o autor relata um evento histórico e coletivo a partir da singularidade de sua própria vivência. Levi destaca de modo reiterado em sua narrativa que seu objetivo é sobreviver para compartilhar seu testemunho com o restante do mundo. Pode-se afirmar que o mesmo acontece em *Uma vida interrompida* (2020) e *O diário de Anne Frank*, que também se apresentam por meio de um relato em primeira pessoa, dando acesso direto aos pensamentos, ideias e opiniões das autoras durante o acontecimento histórico. Dessa forma, é possível perceber que o caráter biográfico é uma característica em comum das narrativas testemunhais. Ou seja, os autores criam experiências a partir do que é narrado sobre a experiência traumática. (SALGUEIRO, 2012).

ETTY HILLESUM E OS TESTEMUNHOS CONFESSIONAIS, DE SOFRIMENTO E DE CONVERSÃO

Escrever um diário é, de partida, o desejo de registrar, de criar memórias e de expor-se nelas. Trata-se de uma escrita que articula lembranças sobre si e sobre os outros, relevando

percepções interpessoais e da forma como se experimenta o mundo. Nos diários se entrelaçam desejos, afetos, rejeições, medos e incompreensões, aquilo que o sujeito capta da realidade externa e da sua complexidade interior. Por assim dizer, aquilo que o diarista consegue enxergar e compreender da exterioridade do mundo e da vastidão de sua interioridade. Por serem também espaços de reflexão sobre o tempo histórico, o meio social e as marcas culturais que atravessam os sujeitos dos diários, relevam, assim, não apenas um eu que narra, mas um eu que observa, interpreta e registra o mundo ao seu redor, ao mesmo tempo que o vive, por essa razão, os diários devem ser compreendidos dentro do gênero autobiográfico.

A literatura de cunho íntimo, confessional e subjetiva, é aquela que mais se aproxima do leitor, pois está centrada no sujeito, fala de um eu que tenta desnudar a sua vida, se revelar, estabelecendo, assim, um elo íntimo entre autor e leitor. As narrativas de introspecção são compostas por diferentes gêneros literários, que muitas vezes mesclam ficção e realidade, entre eles a autobiografia, o romance autobiográfico, a narrativa epistolar, o diário íntimo, o diário ficcional e, recentemente, a autoficção. (MARTINS, 2013, s.p.)

Cabe considerar que sobre a literatura diarista, também denominada confessional, ainda pairam desconfiças quanto ao seu estatuto literário. Isso se dá na a partir de sua estrutura fragmentária e de sua íntima vinculação à experiência pessoal do autor, o que inevitavelmente reativa o debate sobre os limites entre ficção e realidade. No entanto, é nessa zona liminar que reside a força do diário como forma literária, pois sua capacidade de captar o instante, de refletir o pensamento em processo e de inscrever a subjetividade no tempo.

No caso dos escritos de Etty Hillesum, há um movimento importante em termos de uma consciência em termos do que vivia e testemunhava, tornando esse potencial literário notável. Se no fim do inverno de 1941, exatamente a 9 de março, a autoria trata com, por assim dizer, certa ingenuidade, o que passa a desenvolver a partir daí, aos poucos sua escrita adquire densidade e consciência. Ao longo de dois anos, seus diários evoluem de reflexões íntimas para a construção de um testemunho potente que articula vivência individual e consciência histórica diante da tragédia por ela vivida.

9 de março de 1941

Então, vamos lá. Este é um momento doloroso e quase intransponível para mim: confiar meu coração inibido a um tolo papel pautado. (...) Sinto uma grande inibição, não me atrevo a revelar as coisas, deixar que jorrem livremente de mim, e, no entanto, é preciso, se eu quiser dar à minha vida, a longo prazo, um propósito digno e satisfatório. É como na relação sexual, o último grito de satisfação fica sempre apertado no peito. (Hillesum, 2020, p.17)

Importante observar, no entanto, que a elaboração consciente dessa escrita vai se construindo aos poucos, à medida que a violência do mundo exterior passa a representar uma

ameaça concreta para sua vida e para a de toda a comunidade judaica. Nesse processo, os registros inicialmente marcados por tons pessoais e afetivos vão dando espaço para uma escrita mais densa, tornando-se os testemunhos de um tempo histórico atravessado pela dor. Como registrou em algumas passagens de seus diários, ela sabia da importância do que narrava e em relação a esta escrita de si, tinha pretensões maiores, caso sobrevivesse à Guerra. “[...] mais tarde, quando tiver sobrevivido a tudo, então escreverei histórias sobre esse período que serão como finas pinceladas contra um grande pano de fundo, sem palavras, de Deus, Vida, Morte, Sofrimento e Eternidade”. (HILLESUM, 2019, p. 251).

Na investigação conduzida para este artigo, foi possível organizar as narrativas em três grupos recorrentes: as narrativas de caráter memorialístico-descritivo, marcadas pelo registro dos fatos e acontecimentos; as narrativas de cunho existencial, cuja autora reflete sobre si e o sentido da vida diante da catástrofe e as narrativas confessionais ou mesmo, em alguns momentos, poder-se-ia dizer assim, quase que de conversão, de essência espiritual, em que se revela uma espiritualidade profunda e em transformação.

NARRATIVAS DE TEOR MEMORIALÍSTICO-TESTEMUNHAL

A leitura de *Uma vida interrompida* oferece uma perspectiva nem sempre enfatizada nos relatos sobre a Segunda Guerra Mundial: a forma como o nazismo se implanta e vai, inicialmente aos poucos, mas, logo em seguida, de maneira extremamente rápida e cruel, se impondo e oprimindo os cidadãos dos países ocupados, especialmente os judeus. A cada anotação, a autora parece se aproximar, com crescente lucidez, da consciência do trágico, registrando não apenas fatos externos, mas também internalização desse processo de opressão.

Sábado, 14 de junho de 1941

Novamente prisões, terror, campos de concentração, pais, irmãs, irmãos, levados de maneira aleatória. As pessoas procuram o sentido da vida e se perguntam se afinal ainda existe algum sentido. (Hillesum, 2020, p.59)

Quinta de manhã, (30 de outubro de 1941)

Medo da vida em todos os frentes.

Depressão total. Falta de autoconfiança. Aversão. Angústia. (Hillesum, 2020, p.109).

Segunda, 18 de maio de 1942

Ameaças exteriores cada vez maiores, o terror aumenta a cada dia. Abrigo-me na oração como se ela fosse uma escura parede protetora, recolho-me na oração como numa cela de convento e depois vou de novo para fora, mais unificada”, forte e novamente recomposta. (Hillesum, 2020, p.175)

Na condição de mulher e judia, Etty Hillesum, registra com indignação e horror o que vê diante de si. O terror dirigido a população judaica, manifesta-se de forma progressiva. Inicialmente

na materialização em forma de humilhações públicas, expropriações de seus negócios e bens e impedimentos. Em seguida, prisões e mortes. Inicialmente, são proibidos de frequentarem determinados espaços públicos como praças e comércio. Depois, já não podem andar de bicicleta e, por fim, passam a ser perseguidos e presos.

12 de julho de 1942

São tempos assustadores, meu Deus. Esta noite, pela primeira vez, fiquei acordada, deitada no escuro com os olhos ardendo e muitas imagens do sofrimento humano passavam diante de mim. (Hillesum, 2020, p.261)

20 de julho [1942). Segunda à noite, 9h30

Desumano, desumano! Por isso, temos que ser muito mais misericordiosos interiormente, é a única coisa que nos resta a fazer. (Hillesum, 2020, p.275)

O conflito mundial de 1939-1945 deixou marcas profundas sobre as populações dos países diretamente envolvidos, provocando perdas humanas, rupturas sociais e traumas coletivos de grandes proporções. Tal como já ocorrera em guerras anteriores, esses eventos revelam de forma contundente uma verdade brutal: nas guerras vidas são interrompidas e as pessoas violentamente arrancadas de seus próprios destinos.

NARRATIVAS DE TEOR EXISTENCIALISTA E CONFESSIONAL

A noção de existencialismo ganhou corpo com Jean Paul Sartre, especialmente após as duas guerras mundiais. Ela surgiu como tentativa de compreender o colapso das certezas e a devastação provocada por tais conflitos. Para Sartre, o existencialismo surge como uma tentativa de compreender o colapso das certezas e a devastação provocada por tais conflitos, propondo uma visão de humanidade fundada na liberdade e na responsabilidade. É uma forma de humanismo que reconhece a capacidade da humanidade de suportar promessas não cumpridas e de se reerguer como projeto, tendo uma grande capacidade de ressurreição e de renovação de sua energia. Em *O Existencialismo é um Humanismo* (2014), Sartre afirmou que o homem está “condenado a ser livre” e é essa liberdade que sentido à vida. O filósofo ainda enfatizou a importância da autenticidade na vida, que está ligada a felicidade. Possibilitando viver conforme aquilo que se reconhece como verdadeiro de si mesmo.

Nesse sentido, é possível identificar pontos de convergência entre a filosofia de Sartre e os diários de Etty Hillesum. Sua escrita revela a crença na liberdade interior e na responsabilidade individual diante da vida, mesmo meio ao horror. Assim como Sartre, Etty valoriza consciente e o engajamento pessoal como formas de resistência ética. Em seus relatos, afirma o compromisso de viver com dignidade, compaixão e amor, apesar da violência que a cercava. “E esta me parece a única lição que aprendemos dessa guerra, que só temos a buscar em nós mesmos e em nenhum outro lugar.” (HILLESUM, 2020, p. 158).

12 de março de 1942

Se a gente tem vida interior, provavelmente nem há tanta diferença entre viver dentro ou fora dos muros de um campo de concentração. Será que conseguirei justificar essas palavras a mim mesma mais tarde? Poderei vivê-las? Não podemos criar muitas ilusões. A vida se tornará muito dura.. (Hillesum, 2020, p.164-165)

Etty buscou destacar em seus registros o que considerava ser a importância da responsabilidade pessoal, pois ela reconheceu que sua escolha de como viver a vida tinha um impacto não apenas em si mesma, mas também em outras pessoas ao seu redor, principalmente outras mulheres. Para ela, a verdadeira emancipação interior da mulher ainda tinha que começar. "Ainda não somos verdadeiras pessoas, somos fêmeas. Ainda estamos amarradas e enredadas por tradições seculares, ainda temos que nascer como pessoas, aí ainda está um grande desafio para a mulher. (HILLESUM, 2020, p. 67).

Há um movimento perceptível no percurso das anotações de Hillesum ao longo da coletânea. As primeiras entradas, a partir de 9 de março de 1941, apresentam um tom pessoal e introspectivo, voltado à expressão de afetos e inquietações. Com o agravamento da guerra e da perseguição aos judeus, seus registros assumem rapidamente um caráter testemunhal, incorporando também uma dimensão espiritual crescente.

Mesmo os trechos de cunho religioso acompanham essa transição. Inicialmente marcados por uma busca de autoconhecimento, evoluem para reflexões mais amplas sobre fé, sofrimento e o sentido da existência diante do horror.

26 de agosto de 1941

Há dentro de mim um poço profundo E lá dentro está Deus. Às vezes posso chegar até o poço, mas com frequência há pedras e cascalhos sobre ele, e Deus está enterrado. então, ele tem novamente que ser desenterrado. Imagino que existem pessoas que orem com seus olhos alçados ao céu. Elas procuram deus fora de si. Também há pessoas que se curvam profundamente e cobrem o rosto com as mãos, acho que essas procuram Deus dentro de si. (Hillesum, 2020, p.85)

12 de dezembro de 1941

E digo agora muito humilde e agradecida e honestamente, embora eu saiba que ficarei outra vez indócil e irritadiça: Meus Deus, agradeço-lhe por teres criado assim, como sou. Agradeço-te por isso, por poder ser tão repleta de amplidão, e essa amplidão não é mais que estar preenchida por ti. (Hillesum, 2020, p.138)

À medida que a guerra e a perseguição aos judeus se intensificam, os relatos de Etty Hillesum ganham um novo tom. Deixam de ser predominantemente confessionais, marcados por impressões pessoais e sentimentos de fé, para revelar uma angústia crescente diante dos horrores que presencia. Esse deslocamento expressa um movimento de conversão interior diante da realidade que a cerca.

12 de Julho de 1942

São tempos assustadores, meu Deus. Esta noite, pela primeira vez, fiquei acordada, deitada no escuro com os olhos ardendo e muitas imagens do sofrimento humano passavam diante de mim. (Hillesum, 2020, p.261)

20 de Julho de 1942

Meu Deus, esta época é dura demais para pessoas frágeis como eu. Também sei que depois disso virá novamente outra época, mais humanista. Quero tanto continuar vivendo para levar toda a humanidade que guardo em mim, apesar de tudo com o que convivo diariamente, para esta nova era. Essa também é a única maneira de nos prepararmos para o novo tempo, já o preparando em nós. (Hillesum, 2020, p.275)

Nas semanas anteriores, Hillesum descreve o intenso sofrimento causado pelas condições de vida no campo de concentração. A menção à fé reaparece apenas em 18 de agosto de 1943, já não nos diários, mas na seção *Cartas de Westerbork*, como veremos a seguir. Nesse trecho, “Deus” surge como o último refúgio possível:

Não luto contigo, meu Deus, minha vida é um grande diálogo contigo. Talvez eu nunca me torne uma grande artista, o que eu no fundo, gostaria, mas já estou muito segura em ti, meu Deus, Eu às vezes gostaria de gravar pequenas sabedorias e historinhas vibrantes, mas sempre volto imediatamente a uma mesma palavra: << Deus >>, e isso engloba tudo e aí não preciso mais dizer todo o resto. (Hillesum, 2020, p.380).

Além dos diários, *Uma vida interrompida* encerra-se com sete cartas reunidas sob o título *Cartas de Westerbork*. Seis foram escritas por Etty Hillesum entre 3 de julho e 22 de agosto de 1943, e a última, datada de 6/7 de setembro, é assinada por Jopie Vleschhouwer e endereçada a Hans e Maria Wegerif. Nessa carta, Jopie comunica que Etty havia deixado o campo de concentração para o “transporte”, apesar de todos os esforços para impedir sua deportação.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O testemunho, enquanto chave ética para revisitarmos o passado, talvez seja a principal contribuição deixada por aqueles que se dispuseram a narrar experiências vividas sob regimes de autoritarismos e perseguições. Ele permite compreender as circunstâncias que impuseram sofrimento e indignidade a tantos, oferecendo subsídios para que tais descaminhos não se repitam.

Mais de quatro décadas após sua primeira publicação, os diários de Etty Hillesum seguem relevantes. Relevam o desejo profundo de liberdade, a possibilidade de escolher, de crer ou não em Deus, de escapar as normas e pensamos únicos. A escrita em si, à qual Etty se dedica por

cerca de dois anos, revela-se não como lamento desesperado, mas como construção de fé e resistência. Em vez de se deixar dominar pela revolta, oferece-se ao cuidado dos outros como forma de suportar o que a cercava, fazendo da solidariedade um ato de sobrevivência.

Na leitura atenta de *Uma Vida Interrompida*, torna-se evidente que, para além do registro do avanço trágico da guerra, os diários constituem um testemunho enraizado em uma interioridade profunda. São narrativas confessionais, mas também existenciais, humanistas e marcadas por um processo singular de conversão. É nesse espaço íntimo da escrita que a fé se revela a Etty, que, diante de um dos períodos mais sombrios da história, almeja erguer-se como uma testemunha luminosa, mas também de denúncia..

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AGAMBEN, Giorgio. O que resta de Auschwitz: o arquivo e a testemunha. In: **Homo sacer O Poder e a Vida** Nua III. São Paulo: Boitempo, 2008.

CYTRYNOWICZ, Roney. O silêncio do sobrevivente: diálogo e rupturas entre memória e história do Holocausto. **História, memória, literatura: o testemunho na era das catástrofes**, p. 123-138, 2003.

HILLESUM, Etty. Uma vida interrompida. **Diário de Etty Hillesum**, 1941-43. Trad. Mariângela Guimarães, Belo Horizonte, MG, Âyiné, 2019.

LEVI, Primo. **É isto um homem?** São Paulo: Rocco, 1998.

MARTINS, Anna Faedrich. Os perfis da literatura de instrspecção: o diário em Virgílio Ferreira e a autoria na autoficção. Revista Desassossego 9 - Junho/2013. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/desassossego/article/view/59410/62574>. Acesso em 13.02.2023.

PIERRON, Jean-Philippe. Transmissão: uma filosofia do testemunho. **São Paulo: Loyola**, 2010.

SALGUEIRO, Wilberth. O que é literatura de testemunho (e considerações em torno de Graciliano Ramos, Alex Polari e André du Rap). **Matraga-Revista do Programa de Pós-Graduação em Letras da UERJ**, v. 19, n. 31, 2012.

SARTRE, Jean-Paul. **O Existencialismo é um Humanismo**. 4ª edição. Rio de Janeiro: Vozes, 2014.

SELIGMANN-SILVA, Márcio. Literatura de testemunho: os limites entre a construção e a ficção. **Letras**, n. 16, p. 9-37, 1998.

SELIGMANN-SILVA, Márcio. O testemunho: entre a ficção e o real. In: SELIGMANN-SILVA, Márcio, org. **História, memória, literatura**. Campinas: Ed. Unicamp, 2003.

SELIGMANN-SILVA, Márcio. Narrar o trauma: a questão dos testemunhos de catástrofes históricas. **Psicologia clínica**, v. 20, p. 65-82, 2008.

NOTAS

- [1] Artigo apresentado em primeira versão no I Seminário Intergrupos de Pesquisa sobre comunicação e memória.
- [2] Segundo apontam os editores, a partir de 1947, a família Smelik tentou várias vezes publicar os diários, mas a proposta de publicação foi sempre recusada, talvez pela dificuldade em decifrar os manuscritos.
- [3] Estima-se que 960 mil judeus tenham sido assassinados pelo nazismo apenas em Auschwitz.
- [4] O autor explica o trauma causado por esse tipo de situação extrema como sendo um “fato psicanalítico prototípico no que concerne à sua estrutura temporal”. (SELIGMANN-SILVA, 2008, p. 69).
- [5] Para Selligman-Silva, “a literatura de testemunho é a narrativa do trauma” e “a fala do testemunho é a fala do sobrevivente” (SELLIGMAN-SILVA, 2003, p.48 e 52).